



**IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
V SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
IV CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

(Ordem Patriarcal de Gênero e Relações Sociais de Sexo)

A divisão sexual do trabalho: o lugar social da mulher crocheteira

Caroline Silva Dantas¹

Resumo. A presente pesquisa tem o objetivo demonstrar as relações ocultas de distâncias entre o crochê e as mulheres crocheteiras de Inconfidentes - MG a partir de reflexões sobre as observações de campo e as seguintes categorias teóricas de análise: artesanato, divisão sexual do trabalho e gênero. Inconfidentes é reconhecida como a “Capital Nacional do Crochê”. A pesquisa nasce da seguinte pergunta: quais as relações sociais de sexo existente da relação entre o crochê e a mulher crocheteira? Os relatos das crocheteiras, apresentam de forma clara a desvalorização, a desigualdade e divisão de classe e de gênero.

Palavras-chave: Artesanato; Trabalho Feminino; Genero; Feminismo.

Abstract: The present research aims to demonstrate the hidden relationships of distances between crochet and women crocheters from Inconfidentes - MG, based on reflections on field observations and the following theoretical categories of analysis: craftsmanship, sexual division of labor and gender. Inconfidentes is recognized as the “National Capital of Crochet”. The research is born from the following question: what are the existing social sex relations of the relationship between crochet and the crocheting woman? The accounts of the crocheters clearly present the devaluation, inequality and division of class and gender.

Keywords: Craftsmanship; Female work; Genre; Feminism.

¹ Assistente Social, Universidade Federal de Itajubá, mestranda, carol.danttas@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

O crochê é uma prática artesanal, predominantemente doméstica e feminina, que permite acessar questões de ordem social, econômica, histórica e cultural. O ofício do crochê e suas peças fazem parte da formação e da vida de muitas mulheres na região do Sul de Minas Gerais, mais especificamente na cidade de Inconfidentes. Muito crochê é tecido nesta terra, tecer é um ato político de resistência cultural e subsistência social. É uma atividade que envolve diferentes técnicas, conhecimento prático material, cognitivo e emocional.

Inconfidentes é conhecida como “A Capital Nacional do Crochê”, esta atividade artesanal faz parte do cotidiano e do desenvolvimento da cidade, movimentando há anos sua economia e turismo de compras (SILVA, 2017; IBGE, 2021). O crochê é produzido em larga escala e suas peças feitas localmente se espalham pelas lojas e consumidores de todo país. O modo de fazer crochê, do município de Inconfidentes, foi reconhecido como patrimônio cultural do Estado de Minas Gerais através da lei 22.896/2018 (MINAS GERAIS, 2018). Entretanto, esta cultura e saber do município estão ameaçados, onde há um desinteresse da nova geração em aprender a arte do crochê. Para Rosa (2019) tal desinteresse é motivado pela falta de políticas públicas que valorizem esse tipo de trabalho. No entanto, pode haver outros fatores não relatados pela autora que estão envolvidos nessa dinâmica.

As mulheres crocheteiras são as grandes protagonistas deste trabalho, aprenderam desde a infância, com outras mulheres de seu convívio, o ofício do crochê. Conquanto, no processo produtivo do crochê enraizado, em suas relações de produção e de comercialização, as crocheteiras são pouco valorizadas socialmente e economicamente. O valor monetário que se paga pelo trabalho artesanal do crochê não corresponde nem ao tempo que uma crocheteira gasta para a confecção de uma peça, nem ao conhecimento necessário para fazê-lo.

Ademais, na cadeia produtiva que envolve o crochê, observa-se neste cenário a desigualdade divisão sexual do trabalho, os homens trabalham de maneira formal, são responsáveis pela produção dos fios (matéria prima do crochê) e estão assegurados por direitos trabalhistas, já as mulheres crocheteiras, trabalham no espaço doméstico de maneira informal, e estão desprovidas dos direitos sociais trabalhistas, pois elas ganham somente pelo que produzem, não havendo nenhuma outra garantia ou um salário mínimo pelo desenvolvimento da função. Inconfidentes, apresenta um processo contraditório, onde temos de um lado o crochê, identidade local, desenvolvimento econômico, popularidade no mercado,



e, de outro, as mulheres crocheteiras, marcadas pela desvalorização social e econômica. Um processo que em grande parte anula e mantém a desigualdade e divisão de classe e de gênero. Pensando no reconhecimento das grandes protagonistas da identidade e do desenvolvimento local pelo crochê, nas condições de vida e de trabalho das crocheteiras e na falta de políticas públicas locais, surgiu esta pesquisa.

A divisão sexual do trabalho: o lugar social da mulher crocheteira

“(...) se uma mulher costurava algumas roupas, tratava-se de “trabalho doméstico” ou de “tarefas de dona de casa”, mesmo se as roupas não eram para a família, enquanto, quando um homem fazia o mesmo trabalho, se considerava como “produtivo”(FEDERICI, 2017, P. 182-183).

Historicamente acompanhamos a desvalorização do trabalho feminino, essa desvalorização é ainda mais perceptível quando realizado em casa, sendo remunerado ou não. Para Federici (2017, p. 184) qualquer trabalho realizado em casa, remunerado ou não, historicamente foi definido como “tarefa doméstica”, estabelecido como não trabalho. Segundo a autora as conseqüências dessa visão imposta foram devastadoras, “a pobreza foi feminizada”, o trabalho da mulher foi estabelecido como um recurso natural que estava fora das relações de mercado.

Com sua expulsão do ofício e a desvalorização do trabalho reprodutivo, a pobreza foi feminizada. Para colocar em prática a “apropriação primitiva” dos homens sobre o trabalho feminino, foi construída uma nova ordem patriarcal, reduzindo as mulheres a uma dupla dependência: de seus empregadores e dos homens (FEDERICI, 2017, P. 191).

As relações de poder e de desigualdade entre mulheres e homens e a divisão sexual do trabalho, existia antes mesmo do surgimento do capitalismo, conquanto a desvalorização e a exclusão das mulheres do contexto do trabalho socialmente reconhecido e das relações monetárias se intensificaram e estão associadas à gênese do capitalismo (FEDERICI, 2017).

Nesse contexto histórico de desvalorização do trabalho feminino, remunerado ou não, estão as mulheres artesãs. A atividade artesanal, assim como a produção do crochê, é prioritariamente feminina e executável na esfera doméstica (SEBRAE, 2013; KELLER, 2014;



BARROSO, 2018;). Como vimos no primeiro capítulo, o artesanato agrega uma série de condições de trabalho precário, além de que, gera a dupla função no lar, entre o trabalho doméstico e o trabalho artesanal (KELLER, 2014; BARROSO, 2018).

Essa atividade revela facetas existentes da divisão sexual do trabalho, que historicamente e socialmente representa a divisão do trabalho social por meio das relações sociais entre os sexos, onde há uma separação e hierarquização entre trabalhos construídos como femininos e masculinos (HIRATA; KERGOAT, 2007). Em uma pesquisa comparativa internacional, Hirata (1995) analisou a questão das mudanças na configuração da divisão sexual do trabalho, a partir de comparações entre o Brasil, de um lado, e o Japão e a França, de outro lado.

No que concerne à organização do trabalho, a primeira conclusão que se impôs foi que, nos estabelecimentos dos três países, o pessoal empregado era masculino ou feminino, de acordo com o tipo de máquinas, o tipo de trabalho e de organização do trabalho. O trabalho manual e repetitivo era atribuído às mulheres, o que requeria conhecimentos técnicos aos homens. Um outro traço comum encontrado nos estabelecimentos dos três países — os empregadores reconheciam, de bom grado, qualidades próprias à mão-de-obra feminina, mas não há um reconhecimento destas qualidades como sendo qualificações profissionais.

O trabalho do crochê é manual e repetitivo, como já mencionado é feito majoritariamente por mulheres, além de que, é realizado no âmbito doméstico e apesar de não ser realizado em um ambiente de fábrica, vai de encontro da constatação de Hirata, onde este tipo de trabalho é atribuído às mulheres e não é reconhecido como uma qualificação profissional, contrariamente ao que acontece no caso da mão-de-obra masculina, o que desvenda o poder dos estereótipos sexuais relacionados ao trabalho (HIRATA, 1995).

Neste sentido, para entender esse contexto de desvalorização social e econômica da mulher crocheteira, é necessário compreender os princípios da divisão sexual do trabalho e suas modalidades que segundo Hirata e Kergoat (2007, p. 599) têm dois princípios organizadores: “o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher)”.

Se os dois princípios (de separação e hierárquico) encontram-se em todas as sociedades conhecidas e são legitimados pela ideologia naturalista, isto não significa, no entanto, que a divisão sexual do trabalho seja um dado imutável. Ao contrário, ela tem inclusive uma



incrível plasticidade: suas modalidades concretas variam grandemente no tempo e no espaço, como demonstraram fartamente antropólogos e historiadores(as). O que é estável não são as situações (que evoluem sempre), e sim a distância entre os grupos de sexo. Portanto, esta análise deve tratar dessa distância, assim como das “condições”, pois, se é inegável que a condição feminina melhorou, pelo menos na sociedade francesa, a distância continua insuperável (p. 599-600).

Os contextos mudam, mas essa distância entre os gêneros e classes permanecem. Em Inconfidentes, na cadeia produtiva do crochê, entre a distribuição das linhas e a produção da peça de crochê, existe a preparação dos fios. Essa produção dos fios é realizada pelos homens, por meio de emprego formal, assalariados e com direitos trabalhistas garantido. Já o trabalho das mulheres crocheteiras segue na informalidade, frente à desvalorização da mão de obra artesanal, desprovidas dos direitos trabalhistas.

Entre a distribuição das linhas e comercialização do crochê, existe outra relação: a das mulheres empresárias do ramo do crochê e as crocheteiras. Algumas mulheres crocheteiras se tornaram empreendedoras/empresarias do ramo do crochê, e viraram empregadoras informais de outras mulheres crocheteiras. Na pesquisa, realizada por Rosa (2019), que entrevistou mulheres empresárias do ramo de crochê, na cidade de Inconfidentes, nos conta um pouco sobre o surgimento dessa nova classe.

Em seu relato, a senhora A conta que aprendeu a arte do crochê bem nova, que o artesanato veio juntamente com os imigrantes para Inconfidentes, mas esses faziam mais o tricô, que eram peças mais infantis e cachecóis, e com o passar dos anos desenvolveram o crochê. Ela e seu esposo o senhor B sempre faziam o crochê para vender, mas no início eram pequenas vendas, mas no decorrer dos anos percebeu que poderia aumentar seu ganho aumentando a produção e começou a trazer a linha, material utilizado para confecção do crochê, e repassava a outras crocheteiras, que faziam as peças ou pedaços delas, e levava para ela e o marido finalizar e revender, com isso começou a comercializar o produto. Isso ocorreu no final da década de 70 e início da década de 80 (ROSA, 2019, P. 19).

Em seu relato a senhora C, empresária em Inconfidentes/MG, conta que desde os 14 anos de idade trabalha com o crochê. Quando se formou no magistério e iniciou como professora, fez do crochê um



ganho extra. Ao perceber que poderia expandir seu ganho modelando mais peças e criando outras formas, além das toalhas e caminhos de crochê, passou a criar roupas e acessórios, e até hoje busca formas de aprimorar o artesanato (ROSA, 2019, P. 20).

Essa transformação nos fez refletir: De que forma a presença das mulheres empresárias alterou ou não a vida das crocheteiras? O que mudou no fato de ser, uma mulher empresária, dentro dessa relação de invisibilidade e deslegitimação do trabalho artesanal das crocheteiras?

De acordo com Hirata e Kergoat (2007) existem três novas configurações que assume a divisão sexual do trabalho, as autoras pesquisaram a Europa, entretanto, foram encontradas correlações (Quadro 1).

Quadro 1- correlações entre as novas configurações que assume a divisão sexual do trabalho (HIRATA; KERGOAT; 2007) e Inconfidentes- MG.

– Configuração proposta por Hirata e Kergoat (2007)	– Correlação com as crocheteiras de Inconfidentes- MG
– Trata-se antes de tudo da aparição e do desenvolvimento, com a precarização e a flexibilização do emprego, de “nomadismos sexuados” (Kergoat, 1998): nomadismo no tempo, para as mulheres (é a explosão do trabalho em tempo parcial, geralmente associado a períodos de trabalho dispersos no dia e na semana); nomadismo no espaço, para homens (provisório, canteiros do BTP* e do setor nuclear para os operários, banalização e aumento dos deslocamentos profissionais na Europa e em todo o mundo para executivos). Constata-se que a divisão sexual do trabalho amolda as formas do trabalho e do emprego e, reciprocamente, que a flexibilização pode reforçar as formas mais estereotipadas das relações sociais	– Em Inconfidentes o “nomadismo sexuado” trazido pelo autora é visualizado por meio do: nomadismo de tempo (trabalho em tempo parcial: divisão do trabalho não remunerado doméstico com o trabalho de mão de obra artesanal remunerado); o que segundo a autora influencia diretamente na qualidade dos empregos adquiridos pelas mulheres, pois, devido à necessidade de conciliar as atividades domésticas e mercantil, muitas vezes estas se sujeitam a ocupações mais precárias, com jornadas mais flexíveis ou reduzidas, em atividades informais ou com pouca regulação. Nomadismo de espaço, para os homens (no setor de produção das linhas como operário).



de sexo	
<p>– O segundo exemplo é o da priorização do emprego feminino, que ilustra bem o cruzamento das relações sociais. Desde o início dos anos 1980, o número de mulheres contabilizadas pelo Institut National de la Statistique et des Études Économiques – Insee (pesquisas de emprego) como “funcionários e profissões executivas de nível superior” mais do que dobrou; cerca de 10% das mulheres ativas são classificadas atualmente nessa categoria. Simultaneamente à precarização e à pobreza de um número crescente de mulheres (elas representam 46% da população ativa, mas são 52% dos desempregados e 79% dos baixos salários), observa-se, portanto, o aumento dos capitais econômicos, culturais e sociais de uma proporção não desprezível de mulheres ativas. Assiste-se também ao aparecimento, pela primeira vez na história do capitalismo, de uma camada de mulheres cujos interesses diretos (não mediados como antes pelos homens: pai, esposo, amante) opõem-se frontalmente aos interesses daquelas que foram atingidas pela generalização do tempo parcial, pelos empregos em serviços muito mal remunerados e não reconhecidos socialmente e, de maneira mais geral, pela precariedade.</p>	<p>– O surgimento das mulheres empresárias no ramo do crochê em Inconfidentes, gerou o aumento dos capitais econômicos destas, entretanto, a porcentagem das mulheres que são empresárias do crochê é mínima perto daquelas que são crocheteiras. Além do mais, a realidade das mulheres crocheteiras não mudou desde que, essas mulheres escolheram manter a relação hegemônica de produção. Aqui podemos observar também uma desigualdade de raça, visto que essas mulheres empresárias são em suma maioria brancas. Essa relação não interferiu na realidade das mulheres crocheteiras, que seguem sendo muito mal remuneradas e não reconhecidas socialmente. Para Hirata (p. 602) “Duas relações sociais entre mulheres, inéditas historicamente, estabelecem-se dessa maneira: uma relação de classe entre as mulheres do Norte, empregadoras, e essa nova classe servil (...)”.</p>
<p>– As mulheres das sociedades do Norte trabalham cada vez mais e, com uma frequência cada vez maior, são</p>	<p>– Como o trabalho artesanal assim como o trabalho doméstico nem sempre é reconhecido pelo mercado</p>



<p>funcionárias e investem em suas carreiras. Como o trabalho doméstico nem sempre é levado em conta nas sociedades mercantis, e o envolvimento pessoal é cada vez mais solicitado, quando não exigido pelas novas formas de gestão de empresas, essas mulheres para realizar seu trabalho profissional precisam externalizar “seu” trabalho doméstico. Para isso, podem recorrer à enorme reserva de mulheres em situação precária, sejam francesas ou imigrantes.</p>	<p>economicamente e socialmente, a busca das mulheres para entrar no mercado de trabalho “reconhecido economicamente e socialmente”, fez com que algumas mulheres crocheteiras, de melhor poder aquisitivo, seguissem esse exemplo, que, ao investir na sua carreira, se tornaram empresárias do ramo do crochê, contratando mão de obra artesanal de outras mulheres de menor poder aquisitivo. Externalizando o ofício artesanal a outras mulheres.</p>
---	---

Em Inconfidentes fica evidente essa distância, aumenta o número de empresárias/empreendedoras e cresce o número de mulheres crocheteiras, estas vivem em situação precária socialmente e economicamente. Esse fenômeno, apesar de demonstrar um deslocamento de parte das mulheres em assumirem essas lideranças empresariais, não quebra com o padrão hegemônico de desvalorização do trabalho, a partir do momento em que mantém a permanência da condição social das mulheres crocheteiras de forma desvalorizada e ainda obstruída para os seus direitos. Apesar de haver uma quebra nos papéis de gênero, que não programaram que mulheres chegassem nesse lugar de poder, nessa relação não observamos por parte delas incômodo ou reflexões sobre o trabalho da mulher crocheteira, que vive numa condição inferiorizada das mulheres empresárias.

Outra questão vivenciada em Inconfidentes, se relaciona com o exemplo de Hirata (2007), entre as relações de diferença entre os trabalhos realizados pelas mulheres do norte com as mulheres do Sul, no que se refere à mão de obra artesanal. No ano de 1990 um estilista da França esteve em Inconfidentes a procura de mão de obra para produção de roupa em crochê.

Uma crocheteira e ex-funcionária de uma das primeiras lojas de crochê de Inconfidentes/MG, teve a oportunidade de conhecer Paris e passar um mês por lá para produzir peças em crochê para uma coleção de inverno de um design francês (ROSA, 2019).



As peças da coleção foram produzidas em Inconfidentes pelas crocheteiras locais e da região e enviadas para a França. No entanto, isso também não alterou a vida das mulheres crocheteiras, a partir do momento em que não houve uma valorização, nem social e nem financeira, que pudesse deslocar a realidade desigual a que estavam expostas e submetidas. Esse tipo de apropriação cultural e exploração da mão de obra artesanal é algo naturalizado e recorrente no capitalismo.

"Em 2015, a grife francesa Isabel Marant utilizou em sua coleção de verão um bordado feito há 600 anos pela comunidade mexicana Santa MaríaTlahuitoltepec, da província de Oaxaca. A marca foi acusada de se apropriar de um símbolo da identidade dessa população ao produzi-lo em larga escala e comercializá-lo como uma peça "tribal". O mais grave, porém, é que o bordado era produzido por mulheres da comunidade a um custo aproximado de R\$ 65 e vendido pelo equivalente a R\$ 1.000 sem nenhum repasse dos lucros a suas criadoras" (WILLIAM, 2019, p. 61).

O crochê que estava nas passarelas da França foi produzida numa cidade do interior do Sul de Minas Gerais, pelas mãos de mulheres que trabalham para sobreviver e alimentar suas famílias, sendo exploradas economicamente diante de um trabalho que lhes exige rapidez, desgaste, produtividade e pouco reconhecimento. Mas e nas passarelas da França, por quanto esse crochê era vendido? Quantos foram os aplausos para cada peça do desfile? Refletir sobre tudo isso é refletir de que maneira o capitalismo se apropria da desigualdade do gênero, da mão de obra barata, subverte seus valores e troca os reconhecimentos. Não ganha quem produz, mas quem vende.

Desta forma, as mulheres empresárias estavam responsáveis pela venda. Nessa relação, observa-se que, assim como o trabalho doméstico que não é reconhecido, a medida que as mulheres com melhores oportunidades foram assumindo seus postos de trabalhos valorizados, mesmo que com uma distância visível dos homens, esse trabalho doméstico assim como o artesanal foi sendo transferido para as mulheres que vivem em condição de vulnerabilidade social e econômica. Continuando a criar distâncias, alimentando as desigualdades, dessa vez não tão fomentada pelo gênero, mas pela classe, pelas distâncias entre produzir e vender, em alimentar essa engrenagem e esse modo de produção hegemônica que só pode existir junto a exploração. Neste sentido, apesar dos avanços da inserção da mulher nas atividades de reconhecimento social e econômico, a distância, para as mulheres que exercem outras funções como o trabalho artesanal e doméstico, é longa



A principal forma de produção e escoamento das peças em crochê é para as lojas do comércio local e por meio de atravessadores de outras marcas pelo país. Em geral, observa-se que o crochê é desvalorizado e subavaliado pelos comerciantes/empresários / atravessadores locais. As artesãs do grupo MOÇA, nos encontros do grupo, relatam as percepções sobre essa relação:

Não somos valorizadas pelos empresários, esses que tem as fábricas aí. Não somos valorizadas, porque igual eu já falei, a gente fica o dia inteiro se matando, eu mesmo fico o dia inteirinho pra fazer um jogo de banheiro para ganhar R\$10,00 . Então eu acho que não tem valorização da parte deles (D. Esperança).

Agora tá tudo muito difícil, a gente pra comprar um barbante e fazer para vender a gente nem tem condições. Eu tô fazendo jogo de passadeira para uma loja da cidade. O trabalho da gente tem que ser valorizado, a gente faz um tanto de crochê eu mesmo estou com 20 par aqui para entregar, e dá pouco. Crochê a gente faz porque a gente gosta de fazer. Aqui na cidade precisava valer mais, uma pessoa trabalha fora e ganha um salário, a pessoa trabalha no croche o dia inteiro para ganhar R\$10,00, olha que diferença, a pessoa trabalha do mesmo jeito, talvez mais do que a pessoa que está trabalhando fora né, e deixa muito coisa sem fazer para poder ganhar um dinheirinho, porque tá tudo difícil, agora não tem valor, precisava ganhar um salário se fosse justo, é uma vergonha aqui (D. Maria Pereira).

Deveria ser mais valorizada, a gente não ganha o que merece, porque dá trabalho fazer uma peça de crochê (Ditinha).

Não tem valorização, eu vou mandar uma foto e mostrar o caminho (peça de crochê) que vai dois cones de linha, pra ganhar R\$ 11,00. Fala pra mim o que você faz com R\$11,00? Se eu pegar firme é 4 dias para fazer. Não tem valor aqui em inconfidentes não! (Maria de Sá Márcia).

O crochê não é valorizado, ninguém valoriza o crochê da gente aqui na cidade, chega até ser uma exploração, você tem que fazer um kit de passadeira, por R\$10,00. Mas como muitas de nós, não têm outro jeito, outro ganho, tem que fazer o crochê né (D. Julieta).

Nesta realidade, destacamos a informalidade e a precariedade das condições de vida e de trabalho das artesãs. Os relatos das crocheteiras, apresentam de forma clara a desvalorização econômica que envolve a produção do crochê, retratando a precarização do artesanato e do emprego feminino. Essa desvalorização pode ser por vários motivos, mas compreendemos que seja principalmente por se efetivar em casa, revelando os estereótipos de gênero construídos historicamente de desvalorização do trabalho feminino seja ele remunerado ou não. Até os dias atuais, conforme discutido, ainda não veio a êxito a valorização do trabalho doméstico e de cuidados, em contrapartida, o sistema hegemônico aproveitou-se para apropriar-se a mão de obra feminina e obter mais lucros. Mas diante de



tamanha desvalorização, o que mantém essas mulheres na produção do crochê? Se um por um lado, a produção do crochê representa invisibilidade e desvalorização, qual será o outro lado que mantém as mulheres nesse ofício?

O trabalho das mulheres nas atividades de artesanato é repleto de contradições. Por um lado, desvalorização e invisibilidade, por outro, representa a possibilidade de geração de renda e ocupação, onde as mesmas encontram nessa atividade, meios para a manutenção e reprodução material de suas vidas e de suas famílias. Keller (2014, p. 8) se refere a essa condição, como “economia substantiva (produzir para viver)”, que segundo o autor é uma forma estratégica de ter acesso aos direitos básicos. As artesãs do grupo MOÇA, nos encontros do grupo, trazem relatos sobre a manutenção e reprodução material de suas vidas e suas famílias com a renda do crochê.

Eu criei meus filhos e reformei toda a minha casa com dinheiro do crochê. As minhas crianças, quando eu vim da roça, não tinha nem sapatinho pra ir pra escola, e foi com o dinheiro do crochê que eu consegui comprar os sapatinhos pra eles irem na escola (Maria de Sá Márcia).

Quando os meus filhos eram pequenos, eu comprava roupa, sapato, tudo pra eles, com dinheiro do crochê, eu fazia crochê e eu comprava as coisas para as minhas crianças, pra mim. Porque a vida era difícil, então a gente comprava as coisas para os filhos, roupa, sapato, as coisas pra casa. A primeira estante que eu comprei para pôr minha televisão, foi com o dinheiro do crochê, fiz muita coisa na minha casa, quando eu tinha casa de barro, eu comprei cimento, comprei brita, comprei tudo, e paguei o pedreiro com o dinheiro do crochê, fazendo de pouquinho. Eu fazia tapete o mês inteiro, e vinha aqui em Inconfidentes, pegava o dinheirinho do crochê, e eu comprava dois sacos de cimento, eles davam a notinha pra mim, e ficava guardado pra quando eu interasse o tanto certo, pra eles levarem pra mim. Aí quando deu, eu levei, fiz o meu chão, pintei minha casa, fiz tudo que eu tinha vontade com o dinheiro de crochê, graças a deus multiplicou. Hoje, a gente não consegue mais, por causa do baixo preço hoje do crochê, o alto preço das coisas que ta né, a gente não conseguiria hoje, fazer o que a gente conseguiu naquele tempo atrás. Mas foi muito bom, eu agradeço a Deus por ter aprendido a fazer o crochê, a pessoa que me



ensinou, e o que eu pude fazer com o dinheiro do crochê. Hoje eu falo para os meus filhos, eles não acreditam, eles andavam tudo arrumadinho, com tênis novo, tudo com o dinheiro do crochê. Eu fazia o mês inteiro, eu tinha minhas crianças pequena, e Deus abençoou que cheguei até aqui e até hoje eu to fazendo, então eu agradeço a Deus, porque hoje apesar dos pesares, Deus tem me dado força pra mim fazer meu crochê. Hoje, a gente trabalha para as lojas aqui, trabalha o mês inteiro pra ganhar R\$ 150,00 R\$ 200,00 consegue pagar só uma prestação, não dá pra fazer nada, creio eu que um dia vai mudar essa história, se Deus quiser (D. Maria Pereira).

CONCLUSÃO

Entre a capital nacional do crochê e as crocheteiras existe uma relação oculta, que não é contada e não está visível para muitos. O modo de produção do crochê em Inconfidentes, segue uma linha de produção e comercialização, similar ao dos produtos industrializados, é produzido em larga escala, por meio da mão de obra artesanal, em um contexto de mercadorização e precarização do artesanato frente à globalização e a industrialização. Essa relação reflete os papéis sociais de gênero, a atividade do crochê é prioritariamente feminina e executável na esfera doméstica, as mulheres dividem o tempo de cuidado/trabalho doméstico com o do trabalho mercantil, que para Carrasco (2003) representa o confronto entre o sistema social e o econômico, marcados pelas relações de gênero e de poder.

Observamos com os relatos, que o trabalho artesanal historicamente tem valor no sustento da família das artesãs, e estão relacionados no suprimento das necessidades extremamente básicas. As mulheres do grupo MOÇA são mulheres de baixa renda, baixa escolaridade, algumas tem o crochê como a única fonte de renda e sustento familiar, outras dividem o trabalho artesanal com a agricultura familiar, outras com atividades informais: diarista na colheita do café e na faxina, entre outros. Não se trata de movimentar algumas pessoas dentro de uma estrutura criada para a desigualdade. Como apontado por Hirata, e descrito no capítulo I através da história das crocheteiras, ainda que algumas mulheres façam a ruptura com o lugar social e profissional que ocupavam, a engrenagem se mantém de forma desigual. Isso prova que a mudança que permitirá que essa situação saia da habitualidade da hierarquia não é a ascensão das mulheres a empresárias, mas o questionamento ao próprio sistema de produção, que só consegue existir baseado num modelo de desenvolvimento que precisa criar hierarquias para continuar existindo. Desta forma, o que de fato poderia produzir



fissuras e quebras nesta lógica seria um outro modelo de desenvolvimento, pautado em uma nova ética de equidade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Vera Lucia.; D'ÁVILA, Maria Inácia. Mulheres e Artesanato: Um 'Ofício Feminino' no Povoado do Bichinho/Prados-MG. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/18122>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- BARROSO, Hayeska Costa. Artesanato e divisão sexual do trabalho: considerações sobre o trabalho de mulheres artesãs no ceará. In: Encontro Nacional De Pesquisadores em serviço Social. Vitória: Enpess, 2018. v. 16, p. 01-16.
- BARRAGÁN, Alba Margarita Aguinaga; LANG, Miriam; CHÁVEZ, DuniaMokrani; SANTILLANA, Alejandra. Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 217-239.
- BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: O caminho Brasileiro**. [S. l.]: Terceiro Nome, 2019. 240 p. E-book.
- CARRASCO, Cristina. **A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres**. In: NOBRE, Miriam; FARIA, Nalu (org.). A produção do viver: ensaios de economia feminista. São Paulo: Sof, 2003. Cap. 1. p. 11-49.
- CARRASCO, Cristina. **Estatísticas sob suspeita: proposta de novos indicadores com base na experiência das mulheres**. São Paulo: SOFSempreviva Organização Feminista, 2012. 160 p. Tradução José Valenzuela Perez. Disponível em: <http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Estatisticas.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- CARRASCO, Cristina. A Economia Feminista: um panorama sobre o conceito de reprodução. **Revista dos Pós-Graduandos em Ciências Sociais**, Campinas, v. 26, n. 52, p. 31-69, jun. 2018. Disponível em: <https://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2019/03/Dossi%c3%aa-economia-feminista.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.



FRAGA, Lais Silveira; GONÇALVES JUNIOR, Oswaldo. O Sonho e o Pesadelo do desenvolvimento: um olhar a partir das desigualdades. **Outra Economia**, v. 13, n. 1, p. 28-46, jun. 2020.

HIRATA, Helena. Divisão – relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. **Em Aberto**, Brasília, v. 65, n. 15, p. 39-49, mar. 1995.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas Configurações do trabalho. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 132, n. 37, p. 595-609, dez. 2007.

KELLER, Paulo F. O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea. *Revista de Ciências Sociais*, n. 41, outubro de 2014, p. 323-347.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais).

TEIXEIRA, Marilane Oliveira. A economia feminista e a crítica ao paradigma econômico predominante. *Temáticas*, Campinas, 26, (52), dezembro 2018, p. 135-166.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho e resistência**- 3. Ed. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Editora Expressão Popular, 2021. 304 p.

VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. Tradução de Dias, Jamille Pinheiro; Camargo, Raquel. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WILLIAM, Rodney. *Apropriação Cultural*. Editora Jandaíra, 2019.